



**Discurso proferido na sessão de 10 de maio de 1972,
publicado no DCD de 11 de maio de 1972, página 834.**

O SR. PLÍNIO SALGADO (Sem revisão do orador) – Senhor Presidente, Senhores Deputados, este ano de 1972 é um ano de comemorações. Comemoramos o sesquicentenário da nossa independência; comemoramos, no mundo Lusíada, o quarto centenário da obra de Luís de Camões, na sua primeira edição de Coimbra, e comemoramos a Semana de Arte Moderna, que ocorreu em São Paulo há 50 anos.

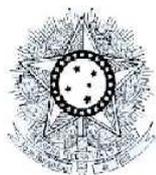
O meu discurso de hoje não será uma fala patética do tipo da que pronunciei no centenário da Batalha de Riachuelo, nem será um discurso de argumentação e de debates sobre temas políticos. Vai ser, antes, uma exposição, uma narrativa do que foram os movimentos de renovação artística e literária através dos séculos, para inserir no seu lugar verdadeiro a Semana de Arte Moderna.

As transformações artísticas e literárias, no mundo civilizado, vêm de muito longe, desde o tempo em que a arte egípcia, assíria e babilônia se transformaram para se exprimir na arte grega. As grandes colunas que terminavam por cabeças de animais são substituídas no mundo helênico pelos fustes e capitéis das ordens Jônia, Dória e Coríntia, de grande elegância e pureza de linhas. Foi portanto, uma revolução artística, uma arte moderna que se introduziu na Grécia, depois das influências por aquele povo recebidas dos cretenses, que são a fonte primacial da cultura helênica. A arte grega, então, se esplente, mas sempre se transformando.

Temos, inicialmente, as grandes pinturas de Zêuxis e Apeles, e as esculturas de Fídias e Praxiteles. Há ainda outros artistas menores, todos produzindo uma arte em que se exprimiria a harmonia da natureza.

Na literatura, o velho teatro de Ésquilo e de Sófocles é substituído pelo teatro de Eurípedes e de Aristófonos, numa revolução literária. A poesia que vinha de Homero e transitou por Hesíodo, adquiriu finalmente uma nova expressão com Píndaro, posteriormente com Anacreonte e Safo.

Todos esses movimentos artísticos renovaram, inovaram, trouxeram novas formas de beleza e de tradução das impressões do homem em face da natureza. O esplendor da cultura grega vem, finalmente, expandir-se por toda a Ásia e pelo Império Romano. É o período do helenismo, em que também se transformaram as expressões literárias e



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

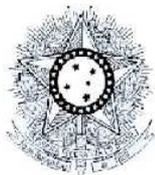
Escrevendo a História - Série Brasileira

artísticas.

Correm os séculos – deveria ser breve, neste resumo, para chegar ao tema principal do meu discurso – e assistimos, no fim do Império Romano, a um fenômeno artístico impressionante: perderam-se as noções da forma, dos volumes, das perspectivas e das cores. Julgava eu – e sempre tive como certo – que esta decadência foi resultado da invasão dos bárbaros. Modifiquei, porém, meu modo de pensar, depois de ler um livro de Louis Dimier intitulado “*L’Eglise et l’Art*”, onde o autor mostra que, num período apenas de 100 anos antes da invasão do Alarico, já se havia dado esse fenômeno da decadência, de decomposição das formas artísticas. Então, de mim para comigo, conclui que foi exatamente este estado de espírito que facilitou a invasão dos povos que vinham das estepes da Ásia ou das florestas germânicas para destruir o Império Romano, porque, conclui eu, a beleza, o bem e a verdade são três faces da mesma coisa, isto é, da harmonia universal. E quando uma geração perde a noção da beleza, perde igualmente a noção do bem e perde também em elucubrações, em inquietações constantes do domínio da verdade. E um povo que perde a noção do bem, da verdade e da beleza, é um povo que já não se defende, porque não tem nenhuma bandeira pela qual lutar.

Esse período prolongou-se nos primeiros tempos da Idade Média, quando se dá nova revolução literária e artística. Nas abadias, nos conventos, os beneditinos e basilianos trabalhavam sobre antigos pergaminhos chamados palimpsestos, nos quais eram escritas contas de armazéns, cartas particulares por sobre textos do maior valor científico e literário. Com infinita paciência, esses monges foram decifrando o que ali havia e revelaram ao mundo da filosofia de Aristóteles e de Platão, as narrativas históricas de Heródoto e Tucídes, a poesia de Píndaro e Hesíodo, a ciência de Eratóstenes e Tales de Mileto, o teatro de Ésquilo. As pesquisas literárias estimulavam a curiosidade dos arqueólogos, que principiaram a desenterrar velhas estátuas. Teve-se outra vez noção do que tinha sido a arte grega na estatuária e na arquitetura. A arquitetura romana, assim como a sua escultura, eram gregas. Perdeu-se a tradição, mas foi recuperada no correr dos últimos tempos da Idade Média, preparando nova revolução literária e artística que foi a Renascença ou o Renascimento.

A Renascença principiou tomando por base os modelos helênicos; numa segunda fase, operou-se verdadeira revolução, porquanto os artistas tornaram-se realistas ou naturalistas, empreendendo a compreensão, a penetração da natureza. É a época em



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Brasileira

que surge a estatuária de Miguel Ângelo, as pinturas de Leonardo da Vinci e Rafael, a criatividade arquitetural desses gênios.

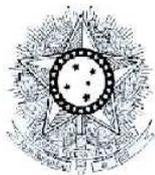
Seria longuíssimo, num pequeno discurso, lembrar todos os grandes nomes na Itália, como Ticiano, Guirlandaio, Fra Angélico, Tintoreto e muitos mais na Espanha, onde brilham Vélasquez, El Grecco, Ribera, Zubaran, ou lembrar a arte flamenga, com Rembrandt, Rubens, Van Eick, Van Dyck, ou lembrar a arte alemã, com Durer, Holbein. Seria longo, porque há ainda outros artistas daquela época, esplendentes de humanidade. Mas foi uma revolução.

Passa-se ao século XVII, e já nesse século há uma nova revolução na arquitetura e na literatura. Na arquitetura tinha predominado o estilo romântico, o qual foi substituído pelo gótico. É interessante interpretar o espírito das duas arquiteturas. A romântica, de torres arredondadas, é como alguém em prece e em atitude de humildade. A gótica, de janelas ogivais e torres pontiagudas, é o estilo de contemplação do infinito. Mas no século XVIII deturpa-se a arte chamada clássica, aparecendo o barroco. O barroco, em relação ao clássico, é um fenômeno semelhante ao gótico flamejante em relação ao gótico puro. O gótico flamejante de que temos exemplo no Mosteiro de Batalha, em Portugal, em algumas catedrais da França e da Alemanha, foi a tentativa de enriquecimento das colunas e abóbadas com que se tirou a pura espiritualidade do gótico antigo ou primitivo. O barroco em relação ao clássico foi a mesma coisa. Também quiseram enriquecer colunas, abóbadas, capitéis e fronteiras, de sorte que se deturpou inteiramente o lineamento clássico da arquitetura. Foi uma revolução concomitantemente à que se dava na literatura, quando surgiu o gongorismo, que é também uma espécie de barroco na literatura do tempo.

Passamos para o século XVIII. Agora aparece o Brasil. O Brasil apenas balbuciara literalmente com as cartas de Anchieta e de Nóbrega, de Fernão Cardim e mais tarde com a empolada poesia de Bento Teixeira e as sátiras de Gregório de Matos. Mas o século XVIII o Brasil aparece literariamente.

Surgem Basílio da Gama e Santa Rita Durão, que nos apresentam nova forma de poesia épica, trazendo pronunciado instinto de brasilidade que tem sido observado pelos críticos, tanto do Brasil como de Portugal.

Mas na mesma ocasião já se opera novo movimento modernista – é a Escola Mineira, constituída por Cláudio Manoel da Costa, Alvarenga Peixoto, Silva Alvarenga, Tomás Antonio Gonzaga. Esta Escola procurou copiar os modelos da chamada Arcádia,



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Brasileira

gênero literário que surgira na Itália e que teve grande influência em toda a Europa. Não eram genuinamente brasileiros. Eram mais gregos do que nacionalistas. Foi uma Escola notável, entretanto, pela doçura do seu lirismo e principalmente pela feição campestre, que procurava, no bucolismo de Teócrito de Siracusa, e de Anacreonte, ou no ruralismo de Virgílio, o ritmo de sua poesia.

Finalmente, nos princípios do século XIX operou-se a grande revolução literária – o Romantismo. O Romantismo tem muita semelhança com a Semana de Arte Moderna, que estamos celebrando.

Exatamente com seu *deu conosco* há cinqüenta anos, deu-se com os românticos, principalmente os da primeira fase, porquanto o Romantismo, no Brasil, pode ser dividido em duas fases distintas. Era o sentido nacional brasileiro, enquanto na Europa o Romantismo era um desdobramento do mundo interior, às escâncaras, a expressão forte e livre do sentimento individual. Atravessando o Atlântico, perdeu, porém, o caráter individualista para adquirir o caráter nacionalista.

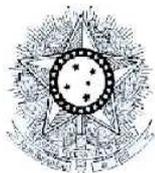
Os primeiros sinais desses movimentos encontramos nos poemas de Gonçalves de Magalhães e de Porto Alegre. Mas vem, em seguida, a grande, máxima figura da poesia brasileira – Gonçalves Dias. É o nacionalismo que adquire a forma indianista, procurando as raízes remotas da nossa formação étnica. Surge depois José de Alencar, com o “Guarani”, “Iracema”, “Ubirajara”, segue a mesma trilha do “Juca-Pirama”, do poeta maranhense.

O romantismo brasileiro, mesmo nos que não trataram de temas da nossa indianidade, é genuinamente nacional.

Romances de costumes tivemos: o primeiro deles “Memória de um Sargento de Milícias”, de Manoel de Almeida, que, entretanto, tem um caráter de precursor do realismo, entre nós.

Mas quem tiver lido a obra de Bernardo Guimarães, da primeira fase de Machado de Assis, nos seus livros “Iaiá Garcia”, “Esaú e Jacó”, “Helena” e outros, do extraordinário Coelho Neto, verifica o caráter de brasilidade na descrição dos tipos masculinos e femininos e da nossa natureza.

De sorte que essa fase do romantismo foi um segundo movimento revolucionário na literatura. Mas, na arte em geral tivemos, também, antes da nossa Semana, outros movimentos. O espírito barroco produzira o gênio do Aleijadinho, cujas obras admiramos hoje em Congonhas do Campo, cheios de emoção.



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Brasileira

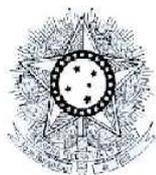
No Rio de Janeiro, surgiu novo movimento de escultores, arquitetos, pintores, sendo a figura maior Mestre Valetim. Durante algum tempo, eles predominaram em nosso País, até vir a missão francesa chefiada por Le Breton, trazendo pintores como Tauna e esse nunca suficientemente louvado, Debret. Aí houve, por influência da Escola Francesa, novo movimento artístico e literário. Na música, o sentimento brasileiro transparece nas composições clássicas de José Maurício e se exprimem mais largamente em Francisco Manuel.

Vamos, depois, pelo século XIX em diante, presenciar uma revolução modernista contra o romantismo. Foi o realismo e o parnasianismo, ambos sob influência francesa. Os escritos realistas, no Brasil, podem ser divididos em duas categorias: os realistas propriamente ditos e os naturalistas. É realista Machado de Assis, na segunda parte de sua obra. São naturalistas Júlio Ribeiro, com “A Carne”, e Aluísio de Azevedo com seus romances.

Mas no campo da poesia, fatigados do lirismo que inundou o século, surgiram aqueles que, também por influência francesa, lançaram aqui o Parnasianismo. O Parnasianismo surgiu na França como uma reação contra o Romantismo, contra a liberdade de forma e estilo dos românticos. Teve como mestres Leconte de Lisle, Sully Prudhomme, Heredia. Logo esta corrente influenciou no Brasil e surgiram aqui grandes valores da arte poética chamada parnasiana. Entre eles Luiz Delfino, Raimundo Correia, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Guimarães Passos, Emílio de Menezes, Vicente de Carvalho. Foi uma revolução literária, não há menor dúvida, e predominou no Brasil até os princípios do presente século.

No fim do século XIX dá-se outro movimento modernista contra o Parnasianismo. Era o Simbolismo. O Simbolismo é da maior importância na literatura brasileira. Teve como principais figuras Cruz e Souza, o catarinense negro, Alphonsus de Guimaraens, Mário Pederneiras; posteriormente, Homero Prates, Eduardo Guimarães, Mansueto Bernardi, Felipe de Oliveira.

O Simbolismo insurgiu-se contra a rigidez hierática da forma parnasiana e trazia um novo conteúdo de poesia mais delicada, mais transcendente, mais espiritual. Alcançou grande sucesso, principalmente no Paraná, onde em torno da figura quase lendária de Dario Veloso reuniu-se toda uma geração que se manifestou em páginas poéticas de maior categoria. O Simbolismo é o precursor do Modernismo brasileiro, porque nos libertou das prisões da forma do Parnasianismo, porque nos deu maior



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Brasileira

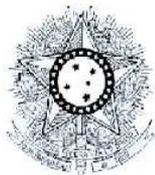
amplitude de visão.

Por ocasião da I Grande Guerra houve um novo estado de espírito, uma nova revolução artística e literária. Inicialmente na Europa, porque através de toda a nossa literatura e de nossa arte nós nos vinculamos à Europa, embora, como no caso do Romantismo, tivéssemos dado àquela corrente literária um caráter tipicamente nacionalista brasileiro. Da mesma forma aconteceu aqui com o Modernismo. O estado de espírito posterior à Primeira Grande Guerra determinou a criação de novas formas de arte, entre elas o “futurismo” italiano de Marinetti, o dadaísmo, o expressionismo, o abstracionismo, corrente cada qual procurando novas expressões de arte. E elas influíram decididamente no Brasil. Em 1922 a minha geração estava inquieta. Queríamos algo novo, algo que representasse a nossa Pátria, a nossa própria alma, queríamos ser o que éramos, como disse Mário de Andrade: “Deixar-nos ser”. Esta era uma principal preocupação em 1922. Estávamos todos preparados para o grande movimento. Faltava aglutinar. E isto foi feito em fevereiro de 1922.

Lembro-me bem daquela Semana da qual tomei parte. Para não esquecer os nomes, anotei-os e mesmo assim, creio, haverá alguma lacuna. Lembrei-me de Menotti del Picchia, Guilherme de Almeida, Graça Aranha, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarcília Amaral, Anita Malfatti, Villa-Lobos, Ronald Almeida, René Thiollier, Brecheret, Paulina d’Ambrósio, Renato Almeida, Agenor Barbosa, Sérgio Milliet, Di Cavalcanti, Luiz Aranha, Mota Filho, Lazar Segal, Paulo Prado, Ribeiro Couto. A Semana realizou-se por iniciativa de Paulo Prado, tornando-se possível pela grande atividade de aliciamento de René Thiollier e o entusiasmo de Menotti del Picchia. Os paulistas trouxeram do Rio um grupo de cariocas, tendo à frente Graça Aranha, que se notabilizara com um discurso pronunciado na Academia Brasileira de Letras. O autor de “Canaã” repudiava inteiramente as velhas formas.

Pregava uma renovação estética e abandonou a Academia, por julgá-la demasiadamente acadêmica. Graça Aranha foi por assim dizer o patrono da “Semana de Arte Moderna”, mas ele próprio não realizou modernismo nos livros que depois escreveu. Autor famoso de “Canaã” julgávamos que ele traria uma renovação de estilo e de forma nos livros que viessem depois da “Semana de Arte Moderna”. Publicou, entretanto um livro intitulado “Viagem Maravilhosa”, onde nada se vê de modernismo.

Discutia-se muito, então, naquela ocasião. Debatiam-se os temas artísticos, mas nada havia ainda como realização concreta, de forma e de estilo, do novo Movimento. Foi



Câmara dos Deputados

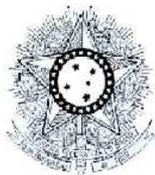
Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Brasileira

nesse momento que escrevi meu romance “O Estrangeiro”. Este livro foi inspirado numa viagem que fiz, com Alarico Silveira, pelo sertão araraquarense, quando ainda não havia as cidades grandiosas que hoje lá existem. Estive num lugarejo de seis ou oito casas, onde funcionava uma escola dirigida por um professor chamado Serapião. Esse professor reuniu os alunos, filhos de italianos, espanhóis, japoneses, pretos, caboclos, gente de todas as origens. E ali, na haste de um coqueiro decepado, desfraldada a bandeira verde-amarela, estas crianças cantaram o Hino Nacional. Emocionei-me profundamente, e esta emoção consolidou em meu espírito a idéia de escrever um livro que tratasse do caldeamento racial, fenômeno extraordinário que se dá no Brasil e que fez o sociólogo mexicano José de Vasconcelos dizer que todas as grandes civilizações nasceram nos trópicos e que, portanto, daqui do Brasil iria sair a raça cósmica, resultado da fusão de todas as raças. Este pensamento foi ainda fortalecido por um discurso que ouvi ali de um farmacêutico chamado Sócrates, falando de Humboldt, de Martins, dos viajantes estrangeiros, da flora brasileira, tudo isso despertando em mim o mais vivo nacionalismo. Fomos dali à Cachoeira do Avandava. Junto à catadupa imensa que atroava naqueles sertões, senti-me verdadeiramente empolgado porque ela representava toda a força do nacionalismo ainda não aproveitada. Essa cachoeira, pensei, poderá fornecer – como está fornecendo agora – força e luz para muitas cidades. Entretanto, estronda aqui inutilmente.

Voltei para São Paulo. Propus-me ali vários problemas. Primeiro, o da arquitetura do livro, a sua composição de conjunto. Segundo, a forma; finalmente, o estilo. Como estilo modernista, tínhamos tipo apenas poesia: “A Paulicéia Desvairada”, de Mário de Andrade, e Pequenas Crônicas de Oswald de Andrade, ou tais como “Memórias Sentimentais” de João Miramar. Mas um livro mesmo que trouxesse definitivamente o modelo, a forma de modernismo na prosa e principalmente no romance, não tínhamos tido ainda.

Levei algum tempo meditando para resolver esses três problemas da arquitetura, da forma e do estilo, até que um dia, tendo ido a um bairro longínquo de São Paulo, ao aproximar-se da linha férrea o bonde teve de parar para deixar passar o trem. E em minha frente havia um Departamento Estadual do Trabalho local onde se recolhiam os imigrantes que vinham para o Brasil desde os tempos do Visconde de Parnaíba. A fachada escura do prédio, o dístico encimando o portão, aquilo me trouxe o instante preciso, porque o escritor pode pensar uma obra, mas chega um momento em que é



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Brasileira

fustigado, empurrado para escrever. Saltei do bonde, peguei um táxi e escrevi o primeiro capítulo de “O Estrangeiro”, cuja primeira frase diz: “Na noite espessa os gritos das locomotivas cruzavam-se repentinos como meteoros de sons”. Na sua apreciação crítica, Monteiro Lobato disse que eu escrevia a coriscos, acrescentando: “O estilo é inédito e sem igual entre nós”. Impressionaram-no os períodos sincopados, as frases sintéticas e as imagens simbólicas do romance. Quanto a Tristão de Athayde, dizia que o livro era mais escrito à ponta de faca e de machado do que com a pena. Realmente, tenho para mim que cumpri minha obrigação dando este primeiro livro e tive o prazer de receber, naquele ano, a carta de um homem de bem, o grande escritor José Américo de Almeida que me revelava: “Depois de ler seu livro vou refundir o que estou preparando”. Era “A Bagaceira”, saída dois anos depois, assinalando-se como o mais notável livro da literatura nordestina e glória das letras brasileiras.

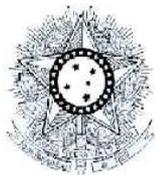
Naquela ocasião já começávamos a divergir, influenciado por Cocteau e principalmente por Max Jacob, Oswald de Andrade veio de Paris trazendo a antropofagia e a “Poesia Pau-Brasil”. As intenções eram puras, de verdadeiro nacionalismo, de forte brasilidade. Mas a arte de Oswald dava-me a impressão de Montaignes, de Jean Lery e até mesmo de Jean Jacques Rousseau, que fala do “bom selvagem” como modelo de organização social e política.

Mário de Andrade era franco-atirador, homem de raro valor cultural e corajoso em suas atitudes literárias. Mas havia ainda no Rio um grupo chamado de “Festa”, nome de uma revista. Entre eles estavam Andrade Muricy, Adelino Magalhães, Tasso da Silveira, Murilo Araújo e outros.

Falando do movimento no Norte, quero destacar, de maneira particular, o grande poeta modernista de Pernambuco Ascenso Ferreira. Sua poesia é notabilíssima, pela forma, pelo estilo, pelo ritmo e pelo caráter de nativismo que ela contém.

Surgiram os modernistas de Belo Horizonte, entre cujos chefes se encontram Emílio de Moura e Pedro Nava. No Sul, eram Manuelito Ornelas, Augusto Meyer, Mansueto Bernardi; em Santa Catarina, Gama D’Eça, um dos maiores escritores que o Brasil tem tido e hoje injustamente olvidado.

E nós, em São Paulo, que fazíamos? Numa noite em que os modernistas me ofereciam uma estatueta de bronze, comemorando a saúde de meu romance “O Estrangeiro”, pronunciei um discurso intitulado “A Anta e o Curupira”, em que mostrei que o verdadeiro caminho do modernismo brasileiro era o nacionalismo, a brasilidade, a



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

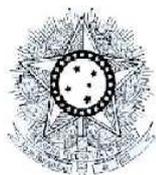
Escrevendo a História - Série Brasileira

procura do Brasil em nós e a procura de nós mesmo no Brasil. No dia seguinte, reunido com Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo e Mota Filho, redigimos o manifesto “Verde-Amarelo” e começamos logo a produzir. Havia uma pequena editora, chamada “Helios”, que pertencia a Menotti del Picchia, a Cassiano Ricardo e a Arnaldo Cerdeira.

Foi ali que se imprimiu a primeira edição de “O Estrangeiro”, seguido logo pelos “Borrões de Verde Amarelo”, de Cassiano Ricardo, e de outros livros dele, como “Deixa Estar Jacaré”, e “Martim Cererê”. Cassiano não pertenceu à Semana de Arte Moderna, até pelo contrário, com um grupo organizado num dos jornais de São Paulo, ele nos combatera. Mas, homem inteligentíssimo, de grande sensibilidade, foi pouco a pouco se entusiasmando pelo nosso movimento e veio a nós. Então, com ele, Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia, Alfredo Ellis, Mota Filho, fundou-se o Grupo Verde-Amarelo. Publicou Menotti del Picchia seu livro “Chuva de Pedra”. O grande líder modernista vinha de longe, com um sentido de brasilidade profunda, desde “Juca Mulato”, um dos poemas mais belos que tenho conhecido na literatura brasileira. O verde-amarelismo, pois, lhe era agradável. Vinha casar-se com seu espírito. Mota Filho escreveu a “Introdução ao Estatuto do Pensamento Nacional” e Alfredo Ellis, “Raça de Gigantes”. Aí começamos a pensar que deveríamos ler os grandes autores, que os ensinaram a ser brasileiros. O primeiro deles era Alberto Torres, cuja obra perlustamos: a “Organização Nacional”, “O Problema Nacional”.

Era também preciso conhecer mais profundamente o índio brasileiro, não o índio lamartiniano que aparece com José de Alencar e Gonçalves Dias, mas o índio genuinamente nacional, denominador comum de nosso caldeamento étnico. Líamos então Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues com suas maravilhosas lendas do “Poranduba amazonense”; líamos Batista Caetano, estudávamos a língua tupi, mas era preciso conhecer mais. E um de nossos grandes mestres de sociologia brasileira, de brasilidade, foi Oliveira Viana, então nosso contemporâneo, com o qual tive contato em Niterói certa vez. Era realmente um grande professor de brasilidade. Mas havia ainda na monarquia, Tavares Bastos. Cumpria-nos ainda reler a obra de Joaquim Nabuco, era preciso reler e tresler “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, o homem que nos revelou o desequilíbrio entre o litoral e o sertão e que penetrou na psicologia do nosso sertanejo nordestino, apresentando-o com o dizer: “O sertanejo é antes de tudo um forte; não tem raquitismo exaustivo do mestiço neurastênico do litoral”.

Penetramos, então, profundamente o Brasil. Nessa ocasião chega a São Paulo,



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Brasileira

vindo do Amazonas, o poeta Raul Bopp, que tinha viajado todo Oeste e Norte brasileiro. Trouxera lendas, fábulas, o linguajar daquelas regiões, poesias como “Cobra Norato”, que depois se tornou famosa. Descrevia a natureza amazônica e o tipo racial que ali existe. Entusiasmados fomos ele e eu procurar Alarico Silveira, mestre ilustre, um dos grandes homens que o Brasil tem produzido, autor de uma enciclopédia brasileira que até hoje não foi publicada, tendo ele recolhido mais de 400 mil verbetes em viagens que fez pelo interior.

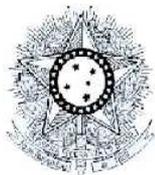
Todas as nações têm sua enciclopédia, e nós traduzimos enciclopédias estrangeiras. A Inglaterra tem a “Britânica”, a França tem o “Larousse”, a Espanha tem o “Espasa-Calpe”. Nós não a temos e isso porque até hoje não houve ninguém de prestígio ou de dinheiro que tomasse a iniciativa patriótica de publicá-la.

Procuramos Alarico Silveira e lá começávamos a ir quase todas as noites. Sua filha, a grande escritora Dinah, era uma menina. Ali conheci um dos maiores homens do Brasil, que de há muito admirava. Teodoro Sampaio, geógrafo ilustre, etnógrafo, filólogo, historiador. Era um manancial. Estava com 84 anos, numa saúde belíssima. E lecionava-nos todas as noites. Daí saiu o movimento da “Anta”, genuinamente nacional, que era uma diversificação do verde-amerlismo. Outros movimentos surgiram no País, como o do Grupo de Cataguazes, na “Revista Verde”. Esparsamente, numerosos intelectuais vinham contribuir para esse movimento. No campo das artes tivemos a precursora Anita Malfati; a extraordinária Tarcília Amaral, a intérprete mais inspirada e eloqüente da paisagem, das casas brasileiras e de nossos tipos humanos; Di Cavalcanti, de quem não precisarei falar mais do que já disse Henrique Turner: Brecheret, produzindo as estátuas de estilo moderno, de novas formas; e Villa-Lobos, que ainda não era o grande nome internacional. Lembro-me quando, em casa de Menotti del Picchia, junto da grande pianista Antonieta Rudge Müller, Heitor Villa-Lobos sentava-se ao piano e improvisava a temática de suas futuras e universalmente consagradas composições.

A poesia continuava a revelar-se através de Cassiano, Menotti e Guilherme, o altíssimo cantor de “Raça”.

Estes são os que compuseram o Movimento Modernista Brasileiro, de cuja semana famosa comemora-se o cinquentenário.

Irei realizar uma conferência na “Academia Paulista de Letras”, iniciativa do Governo de São Paulo, e outra na “União Brasileira de Escritores”, sobre esses assuntos. Pretendo ali, com tempo maior, do que me cabe aqui regimentalmente, narrar, expor,



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Brasileira

interpretar melhor o que disse agora, sobre o que foi a Semana da Arte Moderna. Não poderei entretanto terminar esta minha conversa entre amigos sem dizer uma coisa grave. Está escrito no Evangelho de São João, no 1º capítulo e primeiros versículos, o seguinte:

“No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. E todas as coisas foram feitas com Ele. E nada do que se fez foi feito sem Ele.”

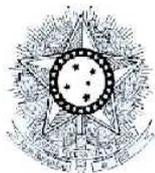
Pergunto: por que Verbo? Porque o Verbo estava com Deus e fez todas as coisas? Senhores Deputados, o Verbo traduz a necessidade de expressão, de revelação. O universo é uma representação teatral maravilhosa com suas constelações, estrelas e planetas girando constantemente no mais perfeito equilíbrio e na mais divina harmonia. A história humana é também um teatro, uma representação.

Nós surgimos no palco da História, desempenhamos o nosso papel e, assim como entramos pelos bastidores do nascimento, saímos pelos bastidores da morte; mas desempenhamos o papel que nos coube. Os povos desempenham também o seu papel.

Ao estudarmos as civilizações, desde as mais antigas, verificamos que cada povo teve necessidade de revelar-se. Então, a arte, a pintura, a escultura, a arquitetura, a música, a poesia, o romance, a oratória, tudo isso é obra de criação do Verbo, do Verbo que está em Deus e fez todas as coisas e que está em nós, na centelha do nosso pensamento, na vibração do nosso sentimento. É preciso revelarmo-nos.

Uma estátua é um discurso. Olhando para o Moisés ou para a Pietá de Miguel Ângelo, ou olhando para a Mona Lisa de Leonardo da Vinci, ou para as telas de Rafael ou mais remotamente, para as pinturas de Zêuxis ou para a estatuária de Fídias, percebemos que eles quiseram dizer isto: eu vi, senti, exprimi assim.

O Verbo, portanto, é vontade e forma de expressão. Vontade de falar. Falar pelas estátuas, falar pela pintura, falar pela música, falar pelos romances, falar pelas poesias. Necessidade de falar. Os povos que assim não procederam desapareceram misteriosamente na História. Assim aconteceu com os hititas; assim aconteceu com os uratianos. Não deixaram poesias; não deixaram estátuas; nada deixaram. Somente o trabalho dos arqueólogos, a partir do Século XIX, vem encontrar em inscrições cuneiformes de assírios ou nos hieróglifos egípcios a história dessa gente que desapareceu. Entretanto, o Egito está presente conosco. A Grécia está presente conosco na Vênus de Milo, na Vitória de Somatrícia, no Apolo do Belvedere, no delineamento do Paternon, nas tragédias de Sófocles e de Ésquilo, na poesia de Píndaro, na História de



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Brasileira

Tucídides e de Heródoto. Vivem porque falara. E a fala dos homens se renova como a natureza. Se a natureza se renova constantemente é imperativo que, na ânsia de se exprimir, o homem busque novas formas da manifestação do seu pensamento, das suas impressões, dos seus sentimentos.

Eis por que, ao celebramos o cinqüentenário da Semana de Arte Moderna, que foi um instante de inquietação e de procura de novos caminhos para novas expressões, quero concitar nossa Pátria para que fale, para que se exprima, para que, através dos seus artistas, pensadores, escritores de todos os gêneros, diga: eu sou, eu existo, eu sou assim. Essa é particularmente a missão do artista. Benditas as gerações que se preocuparam e se inquietaram e se desesperaram em busca de novas expressões. Benditos os povos que possuem Parlamentos como o nosso, que interrompe sua preocupação legislativa ou seus debates políticos para cultuar aquilo que é mais nobre, mais belo no espírito humano: o Verbo. O Verbo que estava com Deus e era Deus, com o qual foram feitas todas as coisas e sem o qual nada foi feito. Sejamos assim, sintamos em nós e nossa Pátria sinta a vibração permanente do Verbo ou a necessidade perene da expressão. (Muito bem, muito bem; Palmas. O orador é cumprimentado).